



## Intercâmbio cultural: Práticas compartilhadas ou almas afins

Por RAÍZES

Cultura é o modo de vida de uma comunidade ou grupo de pessoas que compartilham uma história. Ela resume sua herança de resolver coletivamente problemas civilizacionais e abrange todas as características exclusivas que distinguem um grupo de pessoas de outro, como moral, tradições, vestuário, idioma, religião e artes criativas. "Intercâmbio cultural" é o compartilhamento de ideias, costumes, conhecimento, formas de arte e outras práticas entre comunidades, muitas vezes, diferentes. Ele incentiva a tolerância, o respeito, a unidade, a compreensão, a inovação e a diversidade em nosso mundo.

Atualmente, a África Ocidental tem uma cultura amplamente unificada devido a séculos de intercâmbio entre seus diversos povos. A sub-região não é apenas um espaço compartilhado, é uma história climática compartilhada, como a desertificação. Eles também compartilham a história social, como as transições de caçador-coletor para agricultor, para a escravidão clássica e para uma espécie de feudalismo. É a chegada da Jihad islâmica do outro lado do Saara e o



colapso dos impérios escravistas indígenas. São 400 anos de comércio transatlântico de escravos, guerras, instabilidade e a mistura étnica que isso acarretou. É mais de um século de exploração colonial europeia e a economia de concessão de exportação em suas diferentes formas e atitudes comuns em relação à raça. Podemos observar os grupos étnicos indígenas da África Ocidental, ramificações do grupo linguístico Níger-Congo, como os Mandinka, Akan, Wolof e Bassari. Essas sociedades são anteriores aos estados neocoloniais da Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) em muitos séculos.

O **povo Mandinka** se originou no coração de Mande, no atual Mali. Atualmente, eles são principalmente agricultores de subsistência, de painço e de amendoim. Eles estão predominantemente em Gâmbia, Mali, Serra Leoa, Costa do Marfim, Senegal, Guiné-Bissau, Níger e Mauritânia.

O **povo Akan** provavelmente se mudou para o sul por volta do século XI, da região do Sahel ou do Saara, na África Ocidental, para a região de florestas onde se encontram atualmente. A maior parte do povo Akan reside nos atuais Gana, Costa do Marfim e Togo, onde também estão fazendo a transição de agricultores de subsistência de mandioca, inhame e banana-da-terra para culturas comerciais como cacau, dendê e nozes de cola.

O **povo Wolof** pode ser encontrado na Gâmbia, na costa sudoeste da Mauritânia e no noroeste do Senegal. Sua história mais antiga registrada é do século VIII. O painço é a principal cultura de subsistência e a principal fonte de alimento, enquanto o amendoim é a principal cultura comercial. A terra é transmitida de forma patrilinear dentro de uma família e é administrada pelo chefe patrilinear, a quem os usuários pagam um dízimo ou aluguel.

Uma parte considerável dos Bassari reside em nações como Senegal, Gana, Gâmbia, Burkina Faso, Togo, Guiné e outras. Os assentamentos mais antigos da Idade da Pedra eram pequenos e seus habitantes se dedicavam à colheita, à caça e a uma forma primitiva de agricultura.



## **Semelhanças entre os povos**

### **Origens**

Os Akan, Wolof, Bassari e Mandinka têm tradições de migração para o sul da região de Sahel até seus locais atuais.

### **Produção**

Todas as quatro comunidades estão envolvidas principalmente na agricultura camponesa sedentária, com uso intensivo de mão de obra, alimentada pela chuva, de baixa produtividade e, em grande parte, de subsistência. Todas estão sendo pressionadas a se converterem em diferentes formas de agricultura comercial. Todas já foram culturas escravagistas clássicas e atualmente dependem de famílias extensas e meeiros para a produção de excedentes.

### **Conservação, preservação e tabu**

Essas culturas antropomorfizaram sua compreensão da necessidade de adequar suas atividades produtivas aos ciclos naturais da natureza, personificando a terra como uma figura "mãe" e criando tabus religiosos que impediam o plantio excessivo por meio de feriados obrigatórios. Os Akan chamam esses dias sagrados de "dabone" (literalmente, dias "ruins"). Durante os dias sagrados, nenhuma atividade agrícola é permitida. Entretanto, as pessoas podem levar para casa lenha ou alimentos colhidos no dia anterior. Aqueles que violam esse tabu estão sujeitos a formas de punição, como sanções, exclusão social e apaziguamento. As comunidades também acreditam que a violação dos tabus resultará em um estranho azar. Para quebrar isso, é preciso apaziguar os deuses com presentes como gim, galo e cordeiro, entre outros.

Da mesma forma, os tabus em torno de áreas "sagradas", onde a agricultura simplesmente não era permitida, geralmente protegiam nascentes, bacias hidrográficas, margens de corpos d'água ou locais de reprodução de animais. Entretanto, nas últimas duas ou quatro décadas, à medida que as sociedades da África Ocidental se tornaram mais integradas tecnológica e cientificamente, esses dias sagrados são vistos como períodos para proteger e conservar a biologia e a ecologia do meio ambiente, transformados em esforços culturais



de conservação da terra e proteção ambiental. Assim, esses dias sagrados permitem que a terra e os solos se reabasteçam.

### **Celebração da colheita e da chuva**

Conforme indicado, todas as culturas eram animistas até recentemente. Elas antropomorfizam a natureza. A terra é geralmente conceituada como um princípio feminino. A responsabilidade por sua fertilidade pertence a um conjunto contínuo de ancestrais, vivos e não nascidos. As colheitas são celebradas da mesma forma que o parto humano. A chuva é considerada um presente das divindades e dos ancestrais.

Todos os anos, a ação de graças é oferecida por meio de sacrifícios de animais pela chuva adequada, pela fertilidade da terra e pela segurança alimentar, realizados em locais sagrados liderados por anciãos e "sacerdotes da terra". Há momentos em que os sacrifícios são oferecidos, também, para pedir chuva durante a seca, pois os camponeses dependem principalmente da chuva para cultivar as plantações e oferecem sacrifícios de animais para buscar a fertilidade da terra.

### **Gênero e acesso à terra**

Em toda a sub-região, o status das mulheres rurais foi prejudicado nos últimos 500 anos. A prevalência de mitos de divindades da terra, que antecedem os panteões tradicionais, sugere um momento histórico em que as mulheres desfrutavam de um status muito mais elevado na produção e reprodução da sociedade devido à forma como a sociedade estava sendo organizada na época. Elas ocupavam posições de destaque em suas comunidades, inclusive como chefes políticas, sacerdotisas, cientistas, agricultoras e comerciantes.

Entretanto, muitas influências históricas contribuíram para a queda das mulheres. Sem nenhuma ordem específica, podemos apontar as crescentes escassez de terras, militarização das sociedades, política tradicional necessária para sobreviver ou triunfar nas guerras de escravos, e a influência do patriarcado das culturas árabe-islâmica e cristã-europeia como fatores que teriam custado às mulheres sua igualdade nas sociedades da África Ocidental. Quaisquer que sejam os caminhos, as mulheres das culturas Akan, Mandingo,



Wolof e Bassari enfrentam hoje dificuldades para garantir direitos individuais à terra arável.

Em geral, o acesso à terra, os direitos de uso e a propriedade serviram como um meio de garantir redes de segurança para os moradores rurais africanos, independentemente de sua ocupação. A despeito do gênero, os agricultores da África Ocidental obtêm acesso à terra e a possuem por meio de sistemas de posse consuetudinários. No entanto, essa propriedade coletiva e o acesso à terra foram prejudicados pela ascendência dos direitos e da propriedade individual da terra na virada do século XX.

A intrusão dos direitos e das propriedades individuais sobre a terra é o resultado da estruturação dos direitos e das propriedades de uso da terra na África de acordo com os sistemas jurídicos europeus, o que está resultando na mudança drástica das leis fundiárias, que limitam a posse livre ao arrendamento, normalmente por um número definido de anos. As leis civil e comum, por exemplo, levaram à introdução do conceito de arrendamento. O impacto das mudanças demográficas, econômicas, sociais e culturais também fez com que os direitos à terra ficassem menos seguros devido à sobreposição de reivindicações, conflitos e intensa concorrência.

Conseqüentemente, as mulheres tendem a ter acesso à terra como filhas, irmãs ou esposas, mas não como cidadãs individuais. Esse parece ser o caso tanto em culturas patrilineares quanto matrilineares. Muitas racionalizações tradicionais coloridas são oferecidas para essa prática "tradicional" complicada. Entre elas estão a incerteza (masculina) da linhagem dos filhos de sua esposa e a noção de que as mulheres são apenas membros temporários da família ou até mesmo que as mulheres são propriedades e, portanto, não podem possuir outras propriedades. Seja qual for a justificativa para essa complexidade, ela tem impactos importantes na sub-região porque, cada vez mais, a produção de alimentos é exclusividade das mulheres agricultoras, já que os homens tendem a se dedicar às culturas comerciais. A perda de soberania alimentar da África Ocidental é, em grande parte, uma função de sua cultura de gênero negativa. Pode-se argumentar que a falta de propriedade de terra por parte das mulheres não é totalmente tradicional e tem diminuído ao longo dos anos.



Essa compatibilidade cultural na base dessas sociedades é importante para uma agenda de união e desenvolvimento da África Ocidental. Ela proporciona um ponto de partida comum e a coesão necessária para o progresso sub-regional. As pessoas já se entendem porque têm raízes comuns profundas e, portanto, podem alcançar esse entendimento com bastante facilidade. Isso significa que elas podem fortalecer as instituições regionais e encontrar soluções democráticas para seus diversos problemas. Eles se sentem à vontade no mundo um do outro porque, de fato, é o mesmo mundo. Eles dão a mesma importância a coisas como família extensa e conexões de clã.

Isso é diferente de dizer que suas culturas são progressistas ou orientadas para o desenvolvimento, elas têm muito trabalho a fazer. Por exemplo, precisam encontrar um equilíbrio entre as compreensões animistas e místicas da natureza e a ciência que permite intervenções construtivas para aumentar a produtividade e capturar mais das cadeias de valor de *commodities* que surgem da produção camponesa. Elas devem reposicionar seus festivais como eventos unificadores e não como eventos de adoração. É importante ressaltar que eles devem transformar completamente as relações de gênero em todas as regiões e expor a exploração e a repressão que se escondem por trás de todas as justificativas tradicionais e religiosas para o controle masculino sobre os potenciais de vida das mulheres. Elas devem ajudar as pessoas a entender que, em muitos casos, o que elas supõem ser valores tradicionais são táticas coloniais europeias de dividir e governar; doutrinação de seus ancestrais por missionários e educadores com o único propósito de aumentar a captura de recursos e a repatriação para o Norte desenvolvido. Eles devem perceber o quanto seriam mais fortes como sociedades se tivessem toda a sua capacidade humana concentrada em lidar com problemas comuns de seu interesse. Em suma, as sociedades e culturas da África Ocidental precisam de modernização, mas não de ocidentalização.